

O bolo da sucessão

O presidente Fernando Henrique Cardoso vem falando e fazendo coisas que não condizem com seu perfil intelectual e cultural nem com sua tradição de político de bom trato. Os que acompanham os passos de FHC não chegam a atribuir esses despropósitos — de muitos dos quais depois se arrependeu — à falta do ex-ministro Sérgio Motta, o alter ego presidencial para o ataque aos adversários. Motta e o ex-líder governista na Câmara, o deputado Luís Eduardo Magalhães, ainda estavam a seu lado e o presidente já surpreendia o país, ao chamar os brasileiros de caipiras.

Ultimamente, porém, a soltura de linguagem do presidente ou suas ultrapassagens dos limites da conveniência nas considerações políticas se davam com maior frequência. Em poucos dias, sucederam-se a inesperada lição de sociologia no Sara Kubitschek; o desafo sobre a banda podre de seus aliados partidários; os entendimentos pouco assépticos entre governo e Congresso e, afinal, o duro improvisado sobre a vagabundagem das aposentadorias prematuras.

FHC azedou suas relações com o Legislativo. Quanto aos aposentados, feriu três milhões de pessoas, que entraram no mercado de trabalho ainda adolescentes. Nesse assunto, foi o Serjão de si mesmo. Ao ver que a clonagem não dera certo, explicou-se. Foi pior. Como na anedota de dois desconhecidos numa recepção. O primeiro: "Que mulher bigoduda!" O outro: "É minha mãe". O primeiro: "Mas é um belo bigode".

O desemprego, a omissão federal no incêndio de florestas em Roraima e nas secas no Nordeste, o encarecimento da cesta básica, a elevação da dívida externa em 30% este ano e o estilo duro de FHC devastaram sua popularidade. Antes mesmo da agressão aos aposentados, segundo Marcondes Gadelha, do PFL da Paraíba, só 1% dos paraibanos reelegeriam o presidente. No PSDB já se acha que foi um erro estender tal direito ao presidente em exercício. O governo ficou marcado pela fisiologia na votação dessa matéria, embaraçou-se ao mudar de rumos para reeleger-se e se perdeu em ofensas, que só vão ajudar às oposições.

Por isso, cresceram a candidatura de Lula, no PT, e a tese do candidato próprio no PMDB, a ser escolhido em prévia, como queria Sarney no antigo PDS. Nos meios governistas surgem articulações pró-candidatura alternativa à de FHC. Um manifesto supostamente de militares, com jeito de trabalho de grupos ligados a Paulo Maluf, lança o nome de Antonio Carlos Magalhães, julgado mais afirmativo do que o do atual presidente, para a hipótese de implosão da crise social brasileira. Ao sair este artigo, tal tese pode ter abortado. Assumindo a Presidência da República, no fim de semana, durante viagem de FHC, ACM fica inelegível em outubro. E os órfãos da ex-quase alternativa terão de tentar outra saída. Os ourives de tão complexa jogada acham que o governo programou a dureza de FHC e a inelegibilidade de ACM, para tirá-lo do caminho sucessório e esvaziar o documento atribuído aos militares. Ao que se vê, o futuro político de FHC não é tão tranquilo quanto se pensa. E o cobiçado bolo da sucessão pode, portanto, não ser de quem o fez e o confeitou, com tanto empenho, mas de quem o pegar.